



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Jornal O Globo

Palácio do Planalto, 20 de maio de 2004

Obs.: concedida no dia 20/05/2004 e publicada no dia 23/05/2004

Jornalista: O senhor fica nervoso freqüentemente? Há quem diga que o senhor é dado a rompantes de irritação.

Presidente: Sabe o que acontece? Eu, às vezes, fico com pena dos meus ministros porque cobro muito deles. Eu muitas vezes fico irritado com a morosidade da máquina burocrática, ou seja, muitas vezes você decide com um ministro, com dez ministros - e dois meses depois, percebe que a coisa não andou porque existe uma lei e um técnico do terceiro escalão entendeu que aquela lei proíbe fazer determinada coisa, você tem de mudar aquela lei. É um trabalho... A impressão que tenho é que o Estado brasileiro foi regulamentado para não funcionar, para demorar muito. E estamos fazendo um trabalho enorme para mudar essas coisas. Vocês devem estar lembrados de que tivemos no Brasil até o Ministério da Desburocratização, dirigido pelo Hélio Beltrão, o que foi um grande passo. Mas parou ali e não se fez mais.

Jornalista: Por que o senhor não faz de novo?

Presidente: É que a máquina é poderosa. É uma máquina que está montada aí há quantos anos? Com leis, portarias, decretos.

Jornalista: O senhor falou num Ministério da Administração, ou alguém do governo falou, que poderia ter um papel desse tipo.



Presidente: Estamos preocupados com isso. Vou dar um exemplo. Na questão de investimentos na economia brasileira. Um estrangeiro qualquer que venha para o Brasil vai ao Ministério da Indústria e Comércio, vai ao Ministério da Fazenda, vai ao Ministério dos Transportes, vai ao Ministério da Agricultura, ele vai à Casa Civil, ele vai à Receita Federal, ele percorre dez, 12 ministérios... Depois de uma semana aqui, ele volta e não resolveu nada. Vamos mandar para o Congresso um projeto de política industrial e inovação tecnológica - uma coisa que há 20 anos deveria ter sido feita, mas o governo anterior entendeu que não deveria. Estamos criando uma chamada sala de situação - uma sala, com profissionais competentes, para que, quando chegar um estrangeiro aqui, ou um brasileiro, para fazer investimentos, ele vai entrar em um departamento, e, naquele departamento vai ter todas as informações que ele quer. Vamos tratar nós mesmos de resolver os gargalos que existem. Estamos precisando do dinheiro e, por isso, temos de criar as facilidades.

Jornalista: O senhor então não pensava que a máquina fosse tão travada assim?. Essa foi uma de suas surpresas no cargo?

Presidente: Na verdade eu já sabia, já tinha conversado muito com o Itamar (Franco), com o Fernando Henrique Cardoso, com o (José) Sarney, e todos eles, indistintamente, têm o mesmo pensamento.

Jornalista: E o problema com os ambientalistas? O Ibama é uma pedra no sapato do senhor?

Presidente: Não. Eu acho que, no Brasil, de vez em quando cria-se um inimigo público e, a partir daí, começa-se a fazer política contra ele. Qual é o problema? O Ibama não inventa, ele cumpre leis. Ora, se o Congresso fez as leis, e as leis determinam que a fiscalização, que o licenciamento prévio de



uma obra exige tais regras, ele tem de cumpri-las. Ele não pode "quebrar o galho". Nós temos que, da forma mais justa, mais legal possível, desobstruir todos os gargalos que temos no Brasil: os gasodutos, as estradas, as hidrelétricas. Para ter uma idéia, de junho do ano passado a novembro, de 35 hidrelétricas desobstruímos 17, faltam 18 para serem desobstruídas. Já desobstruímos a BR-163. Essa estrada era quase um santuário, ninguém podia mexer. Ela será feita e, se Deus quiser, nós a inauguraremos antes do fim do meu mandato. Estamos discutindo seriamente a Ferrovia Norte-Sul. Eu não vou citar nomes aqui (a referência é ao empresário Antônio Ermírio de Moraes), mas havia um empresário que tinha hidrelétrica e estava há 14 anos esperando uma decisão do governo. As pessoas sabiam que não podiam fazer aquela obra lá, mas ninguém tinha coragem de dizer: 'Não vai fazer, lá não pode fazer, vão procurar outro rio'. E nós dissemos isso para eles. Lamentavelmente não pode. Alguém tem de dizer.

Jornalista: O senhor fica chocado com esses casos de corrupção logo no seu governo, como no Ministério da Saúde?

Presidente: Não, não fico.

Jornalista: Nem de o governo do PT ter casos assim?

Presidente: Não fico chocado porque pedimos a auditoria em março do ano passado. Na realidade, estávamos sabendo que isso era grave.

Jornalista: E a decepção pessoal de ver que a corrupção é uma coisa difícil de enfrentar? E que existe no PT também.



Presidente: Lógico que fico decepcionado porque você começa a descobrir que, muitas vezes, as pessoas não se corrompem porque não têm oportunidade; quando têm, elas se corrompem. É muito triste, é muito triste para um ser humano suportar isso, sobretudo quando roubam dinheiro de algo sagrado como é a saúde do povo brasileiro.

Jornalista: O senhor ficou decepcionado com o caso Waldomiro sob esse aspecto? Ele era um companheiro do PT...

Presidente: Fiquei. Eu não sei se o Waldomiro era filiado ao PT. Não tenho clareza disso. Eu fiquei decepcionado porque na hora em que um cidadão é convidado para trabalhar com um ministro que é companheiro dele, a honestidade e o zelar pelo seu comportamento passam a ser condição *sine qua non* para que as coisas dêem certo. Eu não posso imaginar que eu convide você para trabalhar como meu assessor porque confio em você e você tira proveito dessa confiança para fazer uma sacanagem contra alguém. Acho isso deplorável no ser humano, acho isso muito triste e isso muitas vezes vai sempre colocando dúvidas nas relações humanas. Freud dizia que uma das coisas mais difíceis para se resolver na humanidade era a relação humana. Porque é assim. Às vezes, um pai confia em um filho, às vezes o filho sai de casa, beija o pai, beija a mãe, dá adeus, amorzinho, e o filho da mãe sai para seqüestrar alguém, sai para assaltar. Esse é o ser humano.

Jornalista: Por falar em relação humana... A gente sente que há um clima complicado dentro do PT: os ministros estão numa tensão permanente, há brigas. Como o senhor administra a relação humana dentro do PT? É uma confusão danada isso hoje.



Presidente: Na verdade, se você for analisar bem, tem menos do que no outro governo. É que vocês da imprensa dão mais importância ao PT do que dão aos outros partidos para esse tipo de coisa. No governo do Fernando Henrique Cardoso, o Xico Graziano (secretário particular de FH) teve o telefone grampeado. Todos os governos têm disputas, têm posições diferentes.

Jornalista: O senhor está preparado para entrar na eleição, já que a oposição está nacionalizando a campanha?

Presidente: Tudo o que queremos é que eles nacionalizem.

Jornalista: Por quê?

Presidente: Porque vamos poder comparar. Cada candidato nosso da base do governo vai ter de comparar os números deles com os nossos, e os números são amplamente favoráveis a nós em qualquer área que se quiser discutir. Não tem esse problema. Mas acho que não é papel do presidente entrar na briga para disputar eleições municipais.

Jornalista: Nem pela Marta?

Presidente: Depende. Acho que não é prudente para o presidente ir para palanque. Não é prudente. De qualquer forma, essas coisas são como paixão. Às vezes, não se controla o ímpeto.

Jornalista: Falando em palanque, o senhor falou dessa paixão. Das muitas coisas que o senhor dizia nos palanques, algumas bem agressivas, hoje tem alguma que o senhor se arrepende de ter dito, alguma acusação feita?



Presidente: Não. Deixe-me dizer uma coisa. Eu vou completar 30 anos de casado no dia 23 (hoje), no domingo, quando eu chegar à China. Há coisas com as quais eu e a Marisa sonhávamos e que ainda não conseguimos fazer. No governo também há coisas que não dependem da gente, há coisas que você sabe que precisa fazer.

Jornalista: O senhor está mais condescendente com Fernando Henrique nesses 500 dias ou o senhor ainda o criticaria?

Presidente: Eu acho que ele deixou de fazer coisas que poderia ter feito. Venderam R\$ 100 bilhões de patrimônio e não se investiu em infra-estrutura. Os portos brasileiros não estavam preparados para o crescimento das exportações. Poderíamos pegar o setor hidrelétrico, que ficou muito a desejar. Por quê? Construimos uma dívida monstruosa sem construirmos ativos. Eu já disse que não sou de ficar chorando. Não tem nada pior... Fico imaginando casar com uma mulher separada e ela ficar toda noite falando do ex-marido. Não há quem agüente. A pessoa vai se separar também. Eu não sou de ficar falando muito do governo passado.

Jornalista: Mas vocês respondem até a artigo de Fernando Henrique em jornal, numa reação muitas vezes desproporcional.

Presidente: Eu não respondo.

Jornalista: Tem uma tese de um grande antropólogo brasileiro que diz que, quando Fernando Henrique critica o seu governo, o senhor sai do sério...

Presidente: Grande antropólogo? Quem é essa figura?



Jornalista: Roberto Da Matta.

Presidente: Quem?

Jornalista: Roberto Da Matta. Ele disse, em entrevista, que todo mundo...

Presidente: ...Eu nem conheço essa pessoa, nunca conversei com ela. Como é possível que possa falar isso? O que acho na verdade é o seguinte: minha mãe dizia que o macaco se senta no rabo e fica olhando o rabo dos outros. Eu acho que um ex-presidente da República, toda vez que vai falar, tem de contar até dez. Porque ele sobretudo está sentado nas coisas que fez, e as coisas que fez podem ser comparadas. Quando você já passou por aqui, não pode mentir sobre o que fez, porque o que você fez está registrado. A pessoa como presidente da República tem de ser mais comedida. Eu, por exemplo, espero, quando deixar a Presidência, provar como é possível ser um ex-presidente da República sem ficar querendo que o outro faça aquilo que eu fiz ou que achei que era certo fazer.

Jornalista: É que o PT, quando estava na oposição, vendeu ao país a idéia de que governar era um simples ato de vontade política e que isso bastaria...

Presidente: Não é um simples ato; mas, sem vontade política, nada acontece. É preciso ter determinação política.

Jornalista: O senhor fala do governo, mas essas coisas não estão aparecendo. O senhor acha que existe algum problema de comunicação?

Presidente: Já estão aparecendo. Agora o governo começou a mostrar na televisão as coisas que está fazendo, as coisas precisavam amadurecer.



Jornalista: A gente sente o senhor angustiado por apresentar resultados...

Presidente: Você não pode anunciar apenas a proposta. É melhor demorar um pouco mais e apresentar resultados. As coisas vão ser mostradas, porque aquilo que a gente fizer, se a gente não disser, a oposição vai dizer que a gente não fez.

Jornalista: De que o senhor gosta mais na sua vida de presidente e do que gosta menos?

Presidente: Acho que a melhor coisa que sinto é poder ir concretizando... É como se você estivesse colocando paralelepípedos numa rua, colocando de um a um, na certeza de que chegará um momento em que a rua estará toda calçada. Essa é a coisa em que sinto mais prazer. O que mais me incomoda é a falta de liberdade. Nunca pensei que a maior autoridade do Brasil tivesse menos liberdade que qualquer ser humano na face da Terra. A vigilância de 24 horas em cima de você...

...O Gilberto Carvalho (que pressionava o presidente para encerrar a entrevista)...

Presidente: Vai do Gilberto ao Ricardo (Kotscho), do André Singer, da segurança, ou seja, para todo lado que você estiver andando, tem alguém olhando você, tem alguém em cima.

Jornalista: O senhor dorme bem?

Presidente: Durmo.



Jornalista: Não acorda angustiado no meio da noite?

Presidente: Eu levanto todo dia às 6h da manhã. Às vezes, faço uma hora de caminhada. Quando o sol está muito quente, na esteira. Aqui em Brasília, lamentavelmente, diferentemente de São Bernardo do Campo, às 6h30m o sol já está queimando. Ando na esteira, depois faço alongamento e acupuntura, depois venho para cá. E todo dia saio daqui às 8h30m, 9h, 10h, 11h da noite. Quando chego em casa, tomo um banho, janto e durmo. Quando o Corinthians joga, eu vejo o Corinthians...

Jornalista: Namorar nem pensar.

Presidente: (rindo) Lamentavelmente, as coisas não são como a gente gostaria que fossem.

Jornalista: Como o senhor vê sua relação com a imprensa? Como reage quando lê os jornais e vê críticas, às vezes até contundentes.

Presidente: Acho que muitas vezes a imprensa brasileira carrega na tinta das manchetes. Muitas vezes, depois de você ler a manchete, você vai ler o texto, o texto está muito mais ameno do que a manchete. Como dizem que é a manchete que vende o jornal, eu considero a manchete uma peça publicitária para a imprensa vender o jornal.

Jornalista: Nem sempre, presidente. Hoje em dia os jornais vendem menos em banca, são mais de assinaturas, que não dependem de manchetes fortes...

Presidente: Muitas vezes a manchete é escandalosa. Mas se você vai ler o texto, o texto está digno, está até respeitoso, tanto que o cara puxa uma frase e



carimba. Mas acho que a imprensa cumpre o seu papel.

Jornalista: O senhor fica irritado com críticas?

Presidente: Eu nunca tive elogios em minha vida. Cheguei a presidente da República e acho que não teve um brasileiro que apanhou tanto da imprensa como eu apanhei nesses vinte anos.

Jornalista: Exagero, presidente.

Presidente: Eu não lembro de matéria elogiosa e também não quero. Acho que a matéria tem de ser verdadeira. Ela tem de ser verdadeira para o bem ou para o mal. Se falar mal, ela tem de ser verdadeira; se falar bem, ela tem de ser verdadeira.

Jornalista: E nesse episódio do "New York Times", a irritação que se noticiou que o senhor estava sentindo... O senhor realmente ficou tão irritado?

Presidente: (Com irritação) Para mim, esse assunto está encerrado, não quero mais falar sobre isso. (Rodolfo Fernandes, Helena Chagas e Jorge Bastos Moreno)